



ANITA  
J.-H ROSNY AÎNÉ

FREE BOOKS

**J.-H. ROSNY AÎNÉ**

# **ANITA**

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS  
ESTRANGEIROS

**Título:** ANITA.

**Autor:** J.-H. Rosny aîné (1856 – 1940)

**Tradutor:** Autor desconhecido do séc. XIX.

**Fonte:** Revista da Semana (RJ), edição de 30 de dezembro de 1933.

**Imagem da capa:** Paul Gaugin (1848 – 1903).

**Leiaute da capa:** Canva.

**Série:** Nossos Autores – vol. 56.

**Editor:** Free Books Editora Virtual .

**Site:** [www.freebookseditora.com](http://www.freebookseditora.com)

**Direitos da obra e da tradução:** Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* e 43, *caput* da Lei 9.610/1998).

**Ano:** 2018.

*Sites recomendados:*

<http://www.triumviratus.net/> <http://www.contosdeterror.site/>,  
<http://www.contosdeterror.com.br/>

## Sumário

ANITA.....5

SOBRE O AUTOR .....15

## ANITA

Era perto de meia noite quando Pedro Caravaje apagou a lâmpada. Estava um ar de tempestade. E no grande silêncio da noite ouvia-se uma espécie de sussurro... Subitamente, houve um reboiço pavoroso. Pedro sentiu-se erguido como por uma onda e compreendeu que a casa desabava.

— Um terremoto! — disse ele consigo.

Naquela terra de sismos, não era coisa de admirar. Nem Pedro se admirava. O estava era cheio de medo. Tudo em volta parecia desabar, rolar por terra. Pedro recebeu uma pancada violenta na cabeça e quase desmaiou. Fora atingido por um bloco de argamassa que se desprendera do teto. Passou a mão pelo rosto, sentiu um liquido morno. Era sangue.

Ao cabo de alguns minutos, cessou a convulsão.

Caravaje estendeu as mãos. Estava preso numa espécie de beco sem saída. Lá fora, erguiam-se gritos, súplicas, clamores. Devia haver gente ferida, morta talvez. Não iria, ele próprio, morrer?

Depois, percebeu que só o afligia uma dor viva na perna direita. Era, porém, o bastante para o impedir de andar ou sequer de tentar erguer-se sozinho.

Pelo sim, pelo não, gritou por socorro. A sua voz perdeu-se entre as outras.

Insistiu algum tempo e depois calou-se, contando aproveitar alguma relativa calma que se estabelecesse. E caiu num pesadelo sinistro, entrecortado de pancadas fortes do coração.

Ao cabo dum quarto de hora diminuiu consideravelmente o barulho. Pedro repetiu o apelo veemente. E então lhe respondeu uma voz, uma voz de mulher:

— Espere aí!

Uma luz delgada se filtrou pelos escombros saltando dum lado para o outro, procurando evidente passagem. E dali a pouco Caravaje distinguia a figura duma moça, uma mestiça, que trazia uma lanterna elétrica.

Reconheceu-a: era Anita, sobrinha do proprietário da Posada. A moça ficou alguns segundos imóvel, a olhá-lo, e depois perguntou:

— Está ferido?

Uma alegria violenta o invadiu, o reanimou.

— Precisamos de sair daqui... disse ela gravemente. — A terra está cheia de bandidos. Tem valores em seu poder? Dinheiro?

Pedro olhou em volta, apontou a roupa pendurada do cabide.

— Ali.

Não mostrou a menor desconfiança. Entregou-se como uma criança àquela jovem, que não tratava, talvez, senão de o roubar.

Anita procurou na roupa, encontrou a carteira.

—Vamos precisar disto... — observou. —  
Pode andar?

Pedro tentou erguer-se, caminhar, não conseguiu. Ela, então, agarrou-o por baixo dos braços, arrastou-o para fora. Era, em verdade, robustíssima.

Uma neve de estrelas enchia agora o céu.

Archotes, lâmpadas elétricas circulavam por entre os escombros.

— Procuram o que pilhar — segredou Anita.

Transportou Pedro por entre as ruínas. Reluziu água. Era o rio. E surgia no horizonte uma lua avermelhada quando Anita estendia o ferido numa canoa.

\*



Ao cabo de duas ou três horas, Anita parou de remar

— Podemos desembarcar aqui — disse ela.  
— Precisamos de dois ou três dias para chegar à cidade próxima que, aliás, deve também ter sofrido horrivelmente com o terremoto.

Evidentemente ela conhecia todos aqueles lugares, porque transportava Caravaje, sem hesitar, até uma choça abandonada. Examinou bem os ferimentos à luz da lua, alva agora como nácar.

Pedro abandonava-se, cheio duma confiança mística naquela moça meio selvagem.

— Não é nada... — declarou ela, depois de lavar a chaga e lhe aplicar umas ervas colhidas ali perto. — Daqui a alguns dias estará bem de todo.

Pedro tomou a mão de Anita e beijou-a enternecidamente. Ela estremeceu, sorriu depois dum modo triste. Era uma moça alta, de compleição admirável. O rosto acusava bem as duas raças cujo sangue corria nas suas veias — e era um rosto deveras agradável os belos olhos tenebrosos das hispano-americanas.

Pedro adormeceu profundamente. Só acordou dia alto. Anita voltava de fora. Trazia umas broas de milho que moera e assara num fogo de lenha. E Caravaje achou o almoço saborosíssimo.

\*

Decorreram alguns dias, simples e misteriosos.

Anita ausentava-se amiúde para arranjar provisões de boca. Tratava do ferido com uma

dedicação inexplicável. Em tudo, a aventura era inexplicável. E, como geralmente acontece, Pedro acabou aceitando as coisas tais como se apresentavam a ele, independentemente da sua vontade e do seu esforço.

Anita voltou a Santa Maria. O tio, seu único parente, morrera no terremoto. Estava sozinha no mundo e, com uma serenidade bem selvagem, consagrava-se inteiramente a Pedro Caravaje.

Ao cabo dalguns dias era como se há muito tempo se conhecessem. Pedro restabeleceu-se completamente. Apenas a perna direita não funcionava ainda como devia. Anita aconselhou-o a esperar um pouco mais. E esperou.

Certa manhã, uma leve neblina flutuava sobre o rio. Pedro estava sentado perto da cabana, do lado da sombra. Ouvia-se o murmúrio da água. Tudo em torno era doçura.

Pedro tomara as mãos de Anita entre as suas. Olharam-se. E um longo beijo uniu as duas vidas.

\*

Desde então, Anita o acompanhou nas suas viagens, até no dia em que ele teve de pensar definitivamente na partida, de regresso à Europa. Que faria? Levaria Anita consigo?

Sem dúvida a estimava muito e sinceramente se lhe afeiçoara. Nem por isso, no entanto, abandonara o ideal de viver com uma companheira da sua raça, da sua educação. Além disso, nem Anita se sentiria feliz na Europa, longe da sua gente, fora do seu meio...

Pedro encheu-se de coragem e falou com a mestiça. Não precisou de insistir. Imediatamente ela compreendeu.

— Eu bem sabia — disse Anita, num tom resignado — que não podia viver sempre contigo. A tua vida está na tua terra. E decerto também entendes que eu não poderia lá ser feliz...

Anita levantou para ele os grandes olhos a que o calor magnificamente acentuava a sedução. Caravaje sentiu no coração uma piedade profunda. Considerou, porém, que Anita o esqueceria e que ele lhe daria bastante dinheiro para lhe constituir um dote.

\*

Chegou o último dia, depois a última noite. Como de costume, Anita foi se deitar antes de Caravaje. Ele deixou-se ficar no jardim, olhando o céu maravilhosamente crivado de estrelas. Um momento passou pelo sono. Ao despertar, um impulso maquinal, instintivo, chamou por Anita.

Não tendo resposta, logo se alarmou e se precipitou em busca da companheira.

Não teve que procurar muito. O corpo de Anita oscilava, pendurado por um laço, do tronco duma árvore.

— Ela me salvou — bradou Pedro desesperada mente — e eu a condenei à morte!

E correu para a sua "vítima".

\*

— Aí têm a razão — concluiu o narrador — por que Pedro Cararaje se deixou por lá ficar. Anita foi por ele socorrida a tempo. E que podiam os dois fazer, depois daquilo, senão unir, fundir para sempre as suas existências?

Lá estão vivendo, cada vez mais felizes e já com uma descendência vigorosa, como animaizinhos da floresta.

## SOBRE O AUTOR

O belga **J.-H. Rosny aîné** (mais velho), pseudônimo de Joseph Henri Honoré Boex (1856 – 1940), é um dos pioneiros da ficção científica. O seu mais famoso romance, “La Guerre du Feu” (“A Guerra do Fogo”), inspirou o filme de mesmo nome, dirigido por Jean-Jacques Annaud (1982). O conto “Anita” foi publicado originariamente na Revista da Semana (RJ), edição de 30 de dezembro de 1933, sem indicação do tradutor.